

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS

Roselia Cristina de Oliveira

Doutoranda no PPGED/UFRN

Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Mestra em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN. Bolsista CAPES

Rio Grande do Norte

rosecris9.rc@gmail.com.br

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4853704836448136>

RESUMO: Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de Mestrado que trata da reinterpretação de um dos Movimentos de Educação Popular de 1960, no Rio Grande do Norte. Para o alcance desse objetivo, utilizamos fragmentos de discursos pronunciados por cinco mulheres que atuaram no projeto em diferentes segmentos. Analisamos como seus relatos possibilitam a reconstrução da História local bem como de suas trajetórias pessoais. O trabalho dialoga com a proposta de construção metodológica que mobiliza a análise compreensiva dos discursos e valoriza, de acordo com Wright Mills, a importância da dimensão artesanal de uma investigação e o reconhecimento das implicações de quem pesquisa com quem é pesquisado. Partindo da interpretação dos relatos, buscamos

compreender a rede de relações que circunda a equipe da prefeitura, que configura e desvela os sentidos do projeto, tal como é percebido na atualidade por essas protagonistas. Desenvolvemos este trabalho a partir da Metodologia da Análise Compreensiva do Discurso, entrelaçando a fala das entrevistadas com as teorias que o fundamentam. Acordando com Jean-Claude Kaufmann, consideramos que somente a transformação da metodologia num instrumento mais orgânico a serviço da teoria explicativa de cada pequeno mundo de relações humanas e singulares ligadas a grupos igualmente específicos e que expressam a diversidade social e cultural de nosso tempo, vamos atribuindo sentido a pesquisa e reconstruindo a História. Nesse sentido, conseguimos compreender o contexto histórico da década de 1960, a mobilização de parte da juventude local que ansiava pela transformação social e pela liberdade de expressão e os motivos que levaram a Polícia Política da Ditadura Civil-militar considerar a Gestão do prefeito Djalma Maranhão como aberta, popular e subversiva e todos os seus participantes enquadrados como transgressores da ordem política e social vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Falas; Mulheres-educadoras; Alfabetização; Memória; Subversão

ABSTRACT: This paper presents an excerpt from the master's research that deals with the reinterpretation of one of the Popular education movements of 1960 in Rio Grande do Norte. To achieve this goal, we used speech fragments pronounced by five women who worked in the project in different segments. We analyze how their reports allow the reconstruction of local history as well as their personal trajectories. The work dialogues with the proposal of methodological construction that mobilize the comprehensive analysis of the discourses and values, according to Wright Mills, the importance of the artisanal dimension of an investigation and the recognition of the implications of those who research with Who is researched. Based on the interpretation of the reports, we seek to understand the network of relations that surrounds the staff of the city, which configures and reveals the senses of the project, as is perceived nowadays by these protagonists. We developed this work from the methodology of comprehensive discourse analysis, intertwining the interviewees' speech with the underlying theories. Agreeing with Jean-Claude Kaufmann, we consider that only the transformation of the methodology into a more organic instrument at the service of the explanatory theory of each small world of human and singular relationships linked to equally specific groups and that Express the social and cultural diversity of our time, we are assigning meaning to research and rebuilding history. In this sense, we understood the historical context of the decade of 1960, the mobilization of part of the local youth that longed for social transformation and freedom of expression and the motives that led the political police of the Civil-military dictatorship Consider the management of Mayor Djalma Maranhão as open, popular and subversive and all its participants framed as transgressors of the current political and social order.

KEYWORDS: Speak; Women-educators; Literacy; Memory; Subversion

Esperamos com o presente relato contribuir para a reinterpretação da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, um dos movimentos de educação popular que eclodiram no Nordeste na década de 1960. Este projeto de alfabetização, foi desenvolvido pela Prefeitura de Natal, durante os anos de 1961 a 1964, na gestão do Prefeito Djalma Maranhão, se configurou num projeto amplo de mobilização popular, caracterizado pela efervescência política e cultural e se configurava numa perspectiva democrática, política e emancipatória.

A Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, foi considerada um instrumento de mobilização da Esquerda Potiguar, para a implantação do Comunismo no país. A partir do Golpe Civil-Militar de 1964, suas atividades foram suspensas, seus acampamentos destruídos. O prefeito e os funcionários da Secretaria de Educação e da Campanha foram presos e seus integrantes investigados, presos, fichados e/ou torturados como subversivos pelos órgãos de repressão que atuaram no Estado.

Esse movimento educacional teve amplo apoio popular e envolveu parte da intelectualidade local que passava a participar dos eventos político-culturais desenvolvidos em paralelo ao trabalho da alfabetização. Parte da juventude Potiguar que militava no movimento estudantil secundarista e universitário, trabalharam

como alfabetizadores, integrantes de igrejas Católicas e evangélicas, militantes de esquerda, representantes da Ação Popular, integrantes do Movimento de Educação de Base, jovens sonhadores e idealistas que ansiavam pela participação e pela transformação da realidade local, se mobilizaram.

O projeto buscava a erradicação do analfabetismo a partir da conscientização política e social e para isso utilizavam como ferramentas a alfabetização, a aproximação dos conteúdos que faziam sentido para os alfabetizandos, nas atividades educativas e culturais promovidas pela Diretoria de Cultura¹, o entendimento acerca dos problemas sociais eram debatidos nos Círculos de Cultura na gestão de Djalma Maranhão.

Seus idealizadores se inspiravam nas lutas por direitos sociais e libertação nacional contra a opressão capitalista que fervilhavam no Brasil e na América Latina, enraizadas, sobretudo nas ideias democráticas e emancipatórias do educador Paulo Freire e inspirados nas propostas de educação e conscientização que mobilizavam o Nordeste na Década de 1960.

Nesse sentido, decidimos realizar um trabalho de pesquisa que proporcionasse uma reconstrução do período configurado por esta campanha educativa, fazendo ancoragem nos discursos das mulheres/educadoras, participantes das atividades desenvolvidas pela prefeitura, consideradas pelo Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, como subversivas. No contexto específico do Regime Militar, tentamos compreender os motivos que levaram essas mulheres/educadoras a se integrarem nas atividades da Campanha.

Para tanto, empreendemos uma análise compreensiva (KAUFMANN, 1996) da fala de cinco mulheres potiguares, de diferentes lugares sociais. Por meio de seus testemunhos, procuramos contextualizar o período em que se insere a Campanha, na cidade de Natal. Suas falas acerca da educação, cultura, e conscientização são veículos para a compreensão do contexto histórico em que se inseria o grupo articulador deste projeto e o lugar de participação de cada uma delas..

A trajetória de uma pesquisa resulta na compreensão de todo aquele que entra em contato com a sua produção. O percurso metodológico, como uma experiência de trabalho metódico, deve, por princípio, servir aos outros, Eco (1996, p.5), o que inclui clareza dos princípios e dos procedimentos escolhidos. Neste trabalho, utilizamos o conceito de configuração (ELIAS, 2001) definindo como padrão mutante e criado pelas mulheres educadoras, evidenciando, assim, a interdependência no grupo que articulava a Campanha educativa.

Ouvir e interpretar essas falas, significa, pa nós, compreendê-las na sua história. E através desta interpretação, possibilitar uma reconstrução individual e do grupo que participava ativamente das atividades da Campanha. Ao entrelaçar as falas das cinco mulheres/educadoras com os documentos referentes a época, verificamos que a rede de relações estabelecidas dentro da equipe permeava todo o contexto social

1. Estiveram à frente da Diretoria de Documentação e Cultura: Zila Mamede e Mailde Pinto Galvão.

e local.

Essa rede inseria-se, portanto, em um momento histórico específico, e assim sendo, buscamos compreender a rede de relações que circunda a equipe da prefeitura e, principalmente que configura e desvela os sentidos do projeto tal como é percebido na atualidade por essas protagonistas. Procuramos perceber de que maneira essas mulheres visualizavam sua prática educativa e política e como ocorria a efetiva participação de cada uma delas.

Ressaltamos que privilegiar a participação de mulheres como objeto de análise em uma pesquisa, proporciona a percepção da presença feminina cada vez maior em diferentes espaços e especialmente no que se refere ao período delimitado desta pesquisa. Pretendemos neste trabalho apresentar uma nova versão do período partindo da fala das protagonistas.

Compreendemos que no contexto desta pesquisa, “significa configurar o grupo que trabalhava na Campanha, no âmbito da sociedade local, considerando que o comportamento de muitas pessoas separadas, enreda-se de modo a formar estruturas entrelaçadas, tensas, mutáveis” (ELIAS, 2001, p.24).

Essas relações sociais que se desenvolveram no âmbito da Prefeitura, apresentavam a particularidade da escolha dessa equipe por meio de laços afetivos e ideológicos, assim “os atos de muitos indivíduos distintos, espacialmente numa sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades “ (ELIAS, 1994, p. 23).

Assim, abordamos o tema da subversão como uma transgressão da ordem política e social estabelecida pelos militares. Durante esse período, o conceito de subversão foi utilizado abusivamente pelos responsáveis pela repressão. Segundo Arns (1986, p. 159), na visão dos representantes da ordem social, política e militar, “subverter é tentar transformar o que hoje existe, como o regime atual representa a vontade da nação, tentar muda-lo é pois, delito. E todo delito merece punição”.

Dessa forma, durante o período de vigência do regime militar efetiva-se uma estrutura de repressão que apresentava objetivos definidos e que passa a investigar e a julgar as ações desenvolvidas no período. As mulheres/educadoras foram consideradas subversivas porque suas ações foram interpretadas como de grande ameaça a ordem vigente.

Durante as décadas de 1950 a 1960 percebemos com relação ao comportamento feminino, ao visualizarmos os editoriais e matérias das Revistas que circulavam no período: O Cruzeiro, O Jornal das Moças, Querida, Vida Doméstica, Você, que “havia uma orientação, referências de papéis femininos, de modelo familiar a seguir, definições de regras de comportamento e convivência” (BASSANEZI, 1997, p. 609). Esses mecanismos de comunicação traziam, ao cotidiano da época, assuntos femininos, ideias sobre a diferença sexual predominante na sociedade que interferiam no comportamento de homens e mulheres.

Lembramos que até o início da Década de 1960, as atribuições masculinas e femininas eram bem definidas: a moral sexual diferenciada persistia e o trabalho da mulher cada vez mais comum, cercava-se de preconceito e considerado atividade inferior à função masculina. Assim, os homens continuavam dominando os espaços públicos e a mulher relegado ao espaço privado de seus lares.

Refletir sobre a participação das mulheres como sujeitos históricos possibilita a reflexão sobre o passado. Assim, é que as “reflexões sobre o passado demonstram que ele pode ser desvendado a partir de múltiplas questões, motivadas pelo presente” (MATOS, 1998, p. 68).

Nesse contexto da década de 1960, em Natal, jovens idealistas, homens e mulheres inseriam-se nas atividades mobilizadoras. A participação política dos jovens que se integravam ao projeto, ocorria vinculada a diversas correntes ideológicas circulantes, dentre elas estavam a Ação Popular - AP, o Partido Comunista Brasileiro - PCB, o Partido Comunista do Brasil - Pcdob, Socialistas, Nacionalistas, Progressistas e Cristãos.

Estes grupos, por meio da motivação, do envolvimento e da participação estavam vinculados aos movimentos educativos de Recife e Natal, que objetivavam proporcionar a conscientização política e social dos setores populares da nação sob a perspectiva de uma educação, que segundo Freire (1977, p. 12), “não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo”.

Vale ressaltar, que compreendemos o significado de projeto de alfabetização como um elemento da práxis política, considerando que a educação, era para o grupo que organizava a Campanha, uma bandeira do grupo, um espaço de construção coletiva. A fachada principal do Galpão das Rocas, onde funcionou o primeiro acampamento, reafirmava esse propósito: “A educação é um direito de todos: aqui isto não é uma frase, é uma realidade.



2. Imagem do Acampamento da Campanha cedida pela DHNET – Site vinculado à Rede de Direitos Humanos do RN. (Roberto Monte)

Tratar da relação entre democratização e alfabetização é evidenciar um trabalho desenvolvido a muitas mãos, com dialogicidade e entusiasmo³ por parte de seus organizadores e participantes. A Campanha de pé no chão desenvolvia um trabalho dialógico com a comunidade, o que fundamentava a mobilização local e o envolvimento dos alfabetizadores.

Em nossa compreensão persistiam nesse entusiasmo, os resquícios da euforia desenvolvimentista dos anos 1950. Os *anos dourados* apresentavam, em sua configuração uma geração que ousava ultrapassar limites, buscando a liberdade pelo envolvimento e pela participação e engajamento. Dessa forma, o lema *conhecer para se libertar* integrava o cotidiano dessa juventude.

Escolhemos trabalhar com a Metodologia da Análise Compreensiva do Discurso, (KAUFMANN, 1996), na medida em que se trata de uma metodologia que objetiva a explicação compreensiva do social e baseia-se na palavra oral como elemento central na construção do objeto de estudo. A palavra oral é percebida como um ato concreto do sujeito, elemento chave da realidade social.

Partimos do pressuposto de que os homens são produtores ativos dessa realidade. No âmbito dessa metodologia, a entrevista é considerada um instrumento leve, que possibilita a construção da teoria como algo permanente, constituindo-se em um vai e vem contínuo entre os fatos e as hipóteses, evitando “qualquer norma de procedimento rígida” (MILLS, 1982, p. 240).

A abordagem compreensiva propõe que o pesquisador se envolva, ou seja, se torne um artesão intelectual⁴ ao dominar e personalizar seus instrumentos e suas teorias no âmbito da pesquisa. Dessa forma, tornar-se um artesão intelectual, implica a dominação dos campos metodológicos e teóricos, permitindo que o objeto se construa pouco a pouco, por meio de uma elaboração teórica que ocorre a partir de hipóteses forjadas no/sobre o campo da pesquisa.

A entrevista compreensiva proporciona-nos a interpretação de discursos orais oriundos de um cotidiano inscrito na história, no contexto da ditadura militar, e de suas repercussões, provocadas pelos processos repressivos que levaram à extinção desse movimento pedagógico em Natal. De acordo com Silva (2002), o pesquisador deve ser capaz de interpretar a realidade a partir dos dados recolhidos, ou seja, construir um campo semântico e explicativo para os fenômenos sociais nos quais está debruçado.

Assim, a reconstrução da memória da época, partindo da fala das mulheres, dentro da metodologia escolhida, implicou na elaboração de planos evolutivos⁵,

3. Fazemos alusão, ao entusiasmo do grupo, associando ao conceito utilizado por Jorge Nagle (1976), que menciona a expressão entusiasmo pela educação como uma necessidade de alfabetizar o povo para a participação no sistema democrático de governo.

4. Esta expressão foi criada por Wright Mills, para quem “o artesanato é o centro de si mesmo e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Saber o que experimento e isolá-lo; somente dessa forma pode esperar usá-la como guia e prova de suas reflexões, e no processo se moldará como artesão intelectual” (MILLS, 1982, p. 212).

5. Se constitui em um processo evolutivo da construção do objeto, a partir de uma questão inicial como guia. E esta

instrumentos de organização, guias na interpretação da fala dos sujeitos. Vale ressaltar, que ao longo do trabalho optamos pela preservação da identificação das mulheres e a utilização de códigos de identificação, para que não fossem expostas suas reais identidades e pudessem de alguma forma causar algum tipo de constrangimento.

PROTAGONISTAS DA CAMPANHA

Nº	ATIVIDADE ATUAL	ATIVIDADE NA ÉPOCA	CARGO QUE OCUPAVA	VINCULAÇÃO PARTIDÁRIA	SITUAÇÃO DA ENTREVISTA
M1	APOSENTADA	FUNCIONÁRIA DOS CORREIOS	DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA	NÃO	RESIDÊNCIA / LOCAL TRANQUILO SEM INTERFERÊNCIAS
M2	ADVOGADA	ESTUDANTE DE DIREITO / MILITANTE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	ALFABETIZADORA NOS ACAMPAMENTOS	PARTIDO COMUNISTA	RESIDÊNCIA / LOCAL TRANQUILO/ INTERFERÊNCIA DE FILHA
M3	MÉDICA	ESTUDANTE DE MEDICINA / MILITANTE DO MOVIMENTO AP / INTEGRANTES DE PROJETOS SOCIAIS	ALFABETIZADORA/ ATIVIDADES RELACIONADAS A SAÚDE/ INTEGRANTE DE GRUPO DE DISCUSSÃO DA CAMPANHA	AÇÃO POPULAR	SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO/ GABINETE DO SECRETÁRIO DE SAÚDE/ SEM INTERFERÊNCIAS
M4	PROFESSORA	DIREÇÃO DE ESCOLA	PARTICIPAÇÃO DAS DISCUSSÕES PARA ELABORAÇÃO DA CARTILHA/ ALFABETIZAÇÃO	NÃO	RESIDÊNCIA DE FAMILIARES / SEM INTERFERÊNCIA
M5	PROFESSORA	PROFESSORA ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO	DIRETORIA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	NÃO	RESIDÊNCIA / COM INTERFERÊNCIAS E TENSÃO

Acerca da interpretação compreensiva, pressupõe a definição de um quadro de amostra que integra a fase exploratória da pesquisa, objetivando a escolha dos informadores, evitando o desequilíbrio e o esquecimento de grandes categorias. Definimos critérios para o quadro acima exposto os seguintes itens: 1. A atividade atual; 2. Atividade da época; 3. Cargo que ocupavadurante o andamento do projeto; 4. Vinculação partidária; 5. O local; 6. A situação da entrevista. De acordo com esta metodologia, o pesquisador-artesão constrói seu objeto de estudo indo e vindo pelos sentidos atribuídos pelos sujeitos escolhidos à sua ação social.

Na fala das mulheres/educadoras, a participação nas atividades da Campanha era uma experiência magnífica, em relação a sociedade local, e como eram visualizadas, havia mágoa pelo desprezo e ignorância que foram tratadas a partir das prisões de 1964. As fichas e dossiês da Delegacia de Ordem Política e Social,

ação, implica em uma entrada no centro do sujeito.

que acusavam-nas de subversivas e comunistas provocavam revolta e indignação.

O preconceito, o medo, a violência simbólica, a exclusão social foram parte de suas vivências, deixando sequelas traumáticas que nunca foram totalmente superadas. Muitos jovens que trabalhavam na Campanha, não eram vinculados a partidos políticos. A acusação de “subversivos” ou de estarem articulando uma “Revolução Comunista” trouxe muitos problemas. Seus rostos foram expostos no Relatório Veras – Manual de Subversão⁶, e publicados nos jornais locais, para que toda a sociedade tivessem a certeza que uma revolução de esquerda estava se gestando na Prefeitura de Natal.

Percebemos ao longo desse trabalho, que a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, foi articulada com objetivos específicos, visando à transformação das condições sociais locais. Desse modo as redes de relações se apresentaram como elementos definidores para que os membros da equipe da Prefeitura se integrassem nesse projeto e buscassem empreender esforços para a alfabetização funcionar. O projeto foi tão exitoso que estimulou prefeitos de municípios vizinhos buscarem a Secretaria de Educação para possíveis parcerias.

Os jovens que se articulavam em diferentes propostas ideológicas, como a militância no Partido Comunista, no Movimento Estudantil, nas atividades sindicais, também abraçavam a causa da erradicação do analfabetismo participando integralmente na Campanha da prefeitura, independente das orientações de suas instituições.

O trabalho de alfabetização mobilizava a busca pelo diagnóstico dos problemas da comunidade, o combate a evasão escolar, a avaliação adequada, a dinamização e acessibilidade das bibliotecas itinerantes, as discussões nos círculos de cultura, a efetiva participação da comunidade atribuindo sentido as atividades. A arte e a cultura não foram deixadas de lado, com a valorização dos artistas locais e as manifestações culturais em sua pluralidade.

Além da possibilidade de uma reconstrução social, as atividades seriam elementos potencializadores para a promoção da liberdade individual e coletiva. Rago (2001, p. 164) admite que “a cultura tem uma função emancipadora, por isso mesmo, impõem-se salvar os valores positivos e todas as criações culturais vivas da humanidade, ameaçadas pela irrupção de forças irracionais, descontroladas e mórbidas”.

Apreendemos nesse processo de reconstrução da memória histórica da Campanha de pé no chão também se aprende a ler que as mulheres, pela participação ativa nas atividades que desenvolviam sofreram preconceitos constantes, no âmbito social e familiar durante a Campanha e após a sua destruição. O machismo esteve presente no cotidiano de suas relações sociais e familiares.

A ideologia que integrava a essência feminina presente nos anos dourados

6. Os Policiais de Recife, foram requisitados pelo Governador do Rio Grande do Norte, Aluízio Alves, único a promover uma investigação paralela ao Exército Brasileiro.

sopervalorizando o casamento e da dedicação ao lar, contrapunha-se à liberdade e à participação das mulheres nos movimentos estudantis, nos partidos políticos e nos movimentos sociais. A pesquisa também ofertou um olhar mais amplo acerca do contexto histórico da década de 1960, momentos significativos da história Potiguar que marcam as trajetórias das cinco mulheres entrevistadas. Seus olhares nos ofertaram um entendimento acerca das práticas educativas desenvolvidas no que concerne à alfabetização e as mudanças locais, percebidas pela busca dos recém alfabetizados por outras atividades, o que foi possível com a Campanha Dé pé no Chão também se Aprende uma Profissão, um avanço no tocante as novas dimensões do amadurecimento da Campanha que buscava alfabetizar e conscientizar.

A participação da juventude nos movimentos sociais, o trabalho com a alfabetização e a cultura, as prisões e torturas vivenciadas nos leva a pensar sobre o cenário político e social do país. Em suas falas, permaneciam, por um lado, a satisfação da participação e dos resultados expressivos transformarem a realidade local num curto espaço de tempo. Por outro lado, a revolta pela destruição do projeto, as prisões, acusações e delações de colegas, o abandono familiar e a exclusão social marcaram indelevelmente suas histórias de vida. O não dito como marcas deixadas pelas perdas irreparáveis, o sofrimento e a revolta movem seus relatos e suas memórias.

Nesse sentido, acordamos com Pollak (1988, p.5) que considera a existência das lembranças de uns e outros, zonas de sombras, silêncios e não-ditos. As fronteiras desses silêncios e não-ditos com esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Seus olhares e trajetórias nos ofertam um entendimento acerca das práticas educativas desenvolvidas no que concerne à alfabetização e às mudanças percebidas no contexto local a partir da aceitação do projeto pelo povo e dos avanços dos alfabetizados que começavam a desenvolver atividades profissionais nos centros criados pela Campanha. Suas falas permitem a compreensão de violência sexista exercida pela sociedade da época e pelos órgãos repressores, bem como as consequências de um momento histórico que marcou o passado recente de nosso país e que amplia o debate acerca dos movimentos socioeducacionais da década de 1960.

REFERÊNCIAS

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil nunca mais (1964-1984)**, Petrópolis: Vozes, 1986.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das Mulheres no Brasil**, 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2000.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da**

aristocracia de corte. Tradução: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

----- **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----- **Educação como prática da liberdade.** 14ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

----- **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.

----- **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

KAUFMANN, Jean-Claude. **L'Entretien Compréhensif.** Paris: Nathan, 1996.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Estudos de Gênero: Percursos e possibilidades na Historiografia Contemporânea.** Cadernos Pagu. Campinas, SP, p. 68, 1998.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

OLIVEIRA, Roselia Cristina de. **Falas Silenciadas: Relatos de mulheres/educadoras sobre a Campanha de pé no chão também se aprende a ler.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. Vol. 2, n. 3, 1989.

SILVA, Rosália de Fátima e. **A Entrevista Compreensiva.** Natal: DEPED, UFRN, 2002.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

TEMAS/ROTEIRO

A HISTÓRIA DO SUJEITO

1. A VIDA
2. OS SONHOS
3. AS IDEIAS DE ÉPOCA
4. OS PROJETOS

OS MOTIVOS

1. A ESCOLHA DE TRABALHAR COM EDUCAÇÃO
2. RAZÃO DE TRABALHAR NA CAMPANHA
3. COMO VÊ ESTAS RAZÕES
4. A POLÍTICA COM A EDUCAÇÃO

DEFINIÇÕES

1. DA CAMPANHA
2. PARTICIPAR DA CAMPANHA
3. PARTICIPAR DA CAMPANHA HOJE
4. DA POLÍTICA NA ÉPOCA
5. DA POLÍTICA HOJE

RELAÇÕES

1. DA CAMPANHA COM OS MOVIMENTOS
2. DOS POLÍTICOS COM A ÉPOCA
3. DA CAMPANHA COM O RÓTULO DE SER UM INSTRUMENTO DE SUBVERSÃO

4. EDUCADORA DETIDA
5. SER MULHER – EDUCADORA- ROTULADA DE COMUNISTA

O PROVÁVEL

1. SE TUDO FOSSE DIFERENTE
2. COMO PODERIA TER SIDO

LEMBRAR: A UNIDADE DE REFERÊNCIA APRESENTADA NESTE TRABALHO SÃO AS MULHERES. O OBJETIVO POR MEIO DAS SUAS FALAS E DOS SENTIDOS EVIDENCIADOS, COMPREENDER E EXPLICAR A AÇÃO POLÍTICA.

PLANO INICIAL

1. A busca pelas mulheres/educadoras que trabalharam na Campanha de pé no chão também se aprende a ler.
 2. A fala (As Entrevistas)
 3. A prisão (subversão / Militância)
 4. A fala (o dito, o não dito, o secreto, o segredo)
- As Hipóteses:
1. Na década de 1960, com o seu contexto político-social, influenciou no surgimento deste projeto de educação popular?
 2. As relações entre o espaço público e o espaço privado (espaço masculino x espaço feminino).
 3. A inserção das mulheres no espaço público (atuação na área da educação/política), uma conquista?
 4. A educação na década de 1960: Que tipo de educação se dava no Estado? A Campanha de pé no chão também se aprende a ler (uma solução local?)
 5. Porque a Campanha chegou ao fim em 1964?

PLANO 2

1. A CAMPANHA : AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
A COMPETÊNCIA DAS MULHERES
COMO FORAM INSERIDAS
2. A SUBVERSÃO: RELATÓRIO VERAS
DIÁRIOS OFICIAS
DEPOIMENTOS
3. TEMPO SUBVERTIDO: JUVENTUDE
FAMÍLIA
CONHECIMENTO
VÍNCULOS
4. TEMPO LACUNAR: AS ARTICULAÇÕES NO PERÍODO DA CAMPANHA
AS ATIVIDADES
5. O SEGREDO: O QUE NÃO PODIA SER DITO AOS INVESTIGADORES
NÃO FALAR PARA A FAMÍLIA
NÃO TRAIR OS COMPANHEIROS
CALAR
6. O SEGRETO: AS EMOÇÕES
AS RELAÇÕES AMOROSAS/PROFISSIONAIS/ AMIZADES
AS AÇÕES
7. SER MULHER SUBVERSIVA: DESAFIO À ORDEM IMPOSTA
CONFLITOS INTERNOS
DESAFIAR O DESTINO
BUSCAS
8. AS PERDAS: PROFISSIONAIS
EMOCIONAIS
AS VIDAS DE COMPANHEIROS E AMIGOS
9. A DOR: DESOLAÇÃO
ENCERRAMENTO DE UM CICLO
FIM DO PROGRAMA EDUCATIVO DO MUNICÍPIO
DILACERAMENTOS

PLANO 03

1. O CONTEXTO DA ÉPOCA: Estrutura política
Estrutura Social
A América Latina
O Brasil
O Rio Grande do Norte
2. Campanha de pé no chão também se aprende a ler
O que circundava: A formação do projeto
Brechas

- Pistas**
O grupo
3. **As mulheres: Quais eram elas?**
A trajetória individual
A formação profissional
O que provocou a inserção das mulheres na Campanha?
E a participação política?
 4. **A atuação na Campanha: A educação**
A cultura
A política
 5. **Trajétórias Individuais: Buscas pelo conhecimento**
Envolvimento em projetos sociais
 6. **A subversão: Investigação (Institucional/Pessoal): “Ser mulher subversiva”**
Ordem/Desordem
Global/Local
A memória (individual/grupo)
A fala
Relatório Veras / DOPS
 7. **A Memória x A História: sofrimento**
Silêncio
Segredo

PLANO 04

1. **A HISTÓRIA NA HISTÓRIA: “AS MULHERES ESTÃO EM UM PROCESSO DE BUSCA PELO CONHECIMENTO”**
“O CONHECIMENTO COMO UM INSTRUMENTO DE QUEBRA DE BARREIRAS”
“conhecimento = Libertar”
2. **Buscas: o conhecimento (o porquê?)**
Liberdade
Do conhecimento pelo esclarecimento
Do conhecimento pelas raízes culturais: literatura/politização
Questionamentos da repressão
A ocorrência da busca: Como se deu?
A família
A opressão/ a repressão
3. **Integração em projetos:**
“o caminho encontrado é o da participação política e social”.
A inserção em projetos de mobilização:
 - a) Movimento Estudantil
 - b) Ação Comunitária
 - c) Reuniões do Partido Comunista
 - d) Reuniões de Intelectuais
 - e) Elaboração de Cartilha Educativa
 - f) Projetos com apoio institucional: Universidade/Igreja/Ação Popular
 - g) A Campanha de pé no chão também se aprende a ler – “Prazer na participação”.
 - h) Direção Escolar
 - i) Ocupação de cargos de confiança: Educação/Cultura
 - j) Liderança Estudantil
 - k) Atividade Político-partidária
4. “Subverter a Ordem”
5. **O local e o global – “ A ebulição cultural e social da década de 1960 quebrou a unidade de um contexto local fechado a determinadas ideias”.**
“A abertura, se podemos assim referir, estava ligada a um padrão preciso e consequente do pós-guerra em Natal, a guerra fria”.
6. **A administração subversiva: aberta/popular/populista**
A proposta da Campanha de pé no chão também se aprende a ler
7. **Ser mulher subversiva:**
No Público
Na participação de um projeto municipal de educação
Na atividade político-partidária
8. **O preconceito e o medo**
9. **Na Campanha de pé no chão também se aprende a Ler**
A Campanha representa um ponto de aglutinação do processo de busca dessas mulheres.
10. **A paixão: Pelo povo**
Pela atividade
Pela vida
11. **Desejos: De viver**
De transformar realidades

- De entender as raízes culturais/folclore
Dar um sentido à vida / ao país
12. O prazer: Na realização profissional / nas atividades educativas / partidárias

PLANO 05

1. **A História na História: “As mulheres em busca do conhecimento
“Conhecimento quebrando barreiras”**
2. **Buscas:**
Conhecimento: Porquê?
Objetivos
Liberdade: Família
Opressão
Repressão
Esclarecimento: “Conhecimento pelo esclarecimento”
Clássicos
Raízes Populares
Cultura Popular
Política
3. **Integração em projetos: “Vinculação em projetos de mobilização social”**
Vinculação partidária
“O caminho encontrado é o da participação política e social”.
Integração: Educação “A unidade entre as atividades escolhidas”
Cultura: Folclore / Artes
Política: Movimento Estudantil / Ação Popular – AP
Partidos Políticos
Ação Comunitária
Grupo de Estudos Políticos
Encontros Intelectuais
Projetos com apoio institucional: Universidade
Igreja Católica – Ação Popular
Prefeitura – Campanha de pé no chão
Participação na Campanha de pé no chão também se aprende a ler:
Prazer
Envolvimento
Participação
As relações de amizade / Atividades educativas e culturais
“A competência demonstrada através da participação e responsabilidade das atividades”.
“São mulheres educadoras atuantes em um projeto de alfabetização e conscientização política e social”.
1. **Subverter a ordem: As mulheres**
A Campanha de pé no chão também se aprende a ler
Os comunistas / Os subversivos – As mulheres
A Equipe da Prefeitura
2. **O local e o global: “A ebulição cultural e social da década de 1960 quebrou a unidade de um contexto local fechado a determinadas ideias”.**
Pós-Guerra / Guerra Fria/ Imperialismo Americano/ Revolução Cubana
“A célula comunista na América Latina”.
Nacionalismo – Desenvolvimentista: Anos Dourados – 1950
Populismo/ Oligarquias “Nordeste Clientelista e Paternalista”.
Eleição de 1960: Aluizio Alves (Cruzada da Esperança) / Djalma Maranhão
(Campanha do Tostão contra o milhão)
Crise Econômica / Lutas por mudanças
Reformas de Base / Crise na Educação: “Elevado analfabetismo no país”
3. **A administração Subversiva: “Aberta as mais diversas ideologias”**
Popular: “presença do povo nas decisões políticas e administrativas”
Comitês Nacionalistas
Populista: Aproximação do povo / Busca de solução para os problemas urgentes.
Princípios políticos relacionados: Comunismo
Nacionalismo
“A proposta da prefeitura era erradicar o analfabetismo local”
4. **Ser mulher Subversiva**
Inserção na Campanha de pé no chão também se aprende a ler
Inserção em atividades político/partidárias
Inserção no Movimento Estudantil
Presença feminina: Espaço Público: Serviço público municipal

1. O preconceito: Social / Familiar

Medo: Crítica

Prisão

2. Na Campanha de pé no chão também se aprende a ler

Ponto de aglutinação: “educação”

Paixão “Atuação feminina no projeto de alfabetização – uma escolha”

Desejo “Mudar o mundo”

Prazer “Educar e promover a cultura”

PLANO 06

“Falas Subversivas na Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler”

“A História na História”

1. Buscas: “Mulheres buscando conhecimento”.

“O conhecimento quebrando barreiras”

“O conhecimento que liberta” / “O conhecimento que promove mudanças”.

Libertar: opressão/ Repressão

Como se dava essas buscas?

Conhecimento / Esclarecimento

Literatura Clássica / Raízes Culturais/ Politização

1.2. “Subverter a ordem”: Participação política e social.

“O caminho encontrado é o da participação política e social”

Integração em Projetos: Inserção das mulheres no espaço público

Ações Populares:

a. Encontros Temáticos / Intelectuais

b. Reuniões do Partido Comunista

c. Elaboração de atividades culturais

d. Curso de formação de professores

e. Alfabetização

f. Elaboração da Cartilha

g. Projetos com apoio institucional: Universidade

Igreja

Movimento Estudantil

h. Campanha de pé no chão

i. Ocupação em cargos de confiança

Diretoria de cultura / Diretoria de Ensino / Centro de Formação de Professores

Liderança Estudantil / Ativismo Partidário

Relações de Amizade: Mulheres / Prefeito / Secretário de Educação

“Todas as mulheres foram inseridas na Campanha através de convite”

1.3. Ser mulher subversiva: Mulher / Educadora / Militante

No âmbito público x No âmbito privado

Projeto de Alfabetização / Projeto Subversivo

Educação e Conscientização política: Ameaça a ordem política e social

1.3.1. O Preconceito e o Medo

“Atuação feminina gerava preconceito social e familiar”

Ser comunista

Ser Mulher divorciada

Ser mulher e ocupar um cargo de direção no município

“Liberdade confundida com libertinagem”

2. O Local e o Global: “A ebulição cultural e social d década de 1960 quebrou a unidade de um contexto local fechado a determinadas ideias”.

“A abertura se podemos assim referir estava ligada a um padrão preciso e consequente do pós-guerra em Natal”.

Conhecimento que subverte a ordem: Aliança para o progresso

Combate ao comunismo

a) Global: Guerra Fria “No contexto global vivíamos a guerra fria, contudo as ideias socialistas encontram canais de entrada por meio da politização da juventude”.

Cuba / Desordem / Mudança de Comportamento

Reforma de Base / Questões Políticas / Movimentos Populares

Educação Popular: MCP/ CPC

B) Local: Eleições de 1960: Aluizio Alves / Djalma Maranhão

Contexto Político aberto a mudanças: “Luta contra o analfabetismo”

1.1. Administração “Subversiva”: Aberta/ Popular / Populista

“Ações de caráter popular levaram a acusação de subversão para a prefeitura”.

Ter sido comunista / Irmão de Luís Maranhão/ Participante do Cafeísmo /

Assumir cargo público – 1956/ 1960 – Era uma ameaça à ordem.
Abertura: “As mais variadas ideologias congregadas em um único projeto”.
Popular: Aproximação com o povo: Reuniões com lideranças / Consultas/
Buscas por soluções para os problemas da comunidade.
Populista: Congregava seus ideais no Nacionalismo
 Combate o Imperialismo Americano no Brasil

1.2. Integração em Projetos:

Militância Política/ Movimento Estudantil/ Sindicalismo
Especialização em Educação/ Cursos/ Atuação na área do Direito
Educação e Cultura: Campanha de pé no chão também se aprende a ler.
A paixão: Pelo Povo
 Pelo que fazia
Desejos: De mudar o mundo
 De mudar a realidade social
 De mudar a sua história (Mulher)
Prazer: Na participação
 Na elaboração das atividades culturais
 Em ensinar

1. Sonhos Destruídos:

Fim da Campanha de pé no chão também se aprende a ler
Desolação
Sonhos Desfeitos
Vidas Destroçadas

2. Novas Buscas:

“As mulheres Refazem a vida/ Próxima relação com a educação e a cultura”.
“Os sonhos não morreram”.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-823-6

